

«Today the moving picture machine cannot be overlooked as an effective protagonist of democracy»  
(J. M. Patterson, 1907)

## COLÓQUIO CINEMA & CIDADE:

# A RE/PRODUÇÃO DA CIDADE PÓS-INDUSTRIAL

Quando, no final do século XIX, se deram com sucesso as primeiras tentativas de reprodução de movimento através de imagens, poucos esperariam que o cinema viesse a destacar-se enquanto produto de entretenimento, e tampouco que ele se constituísse como catalisador de uma profunda transformação social e política. Todavia, a verdade é que a sua capacidade para reunir as massas em torno de uma mesma representação da vida na cidade despoletou não apenas uma enorme euforia popular, mas também uma discussão acesa sobre as oportunidades e desafios que o cinema apresentava para a redefinição desse mesmo espaço, furtando-o à esfera da arte ou do mero entretenimento. Nesse sentido, este colóquio procura oferecer um espaço para a reflexão crítica e política sobre a relação entre o cinema e a cidade contemporânea, nomeadamente, sobre os limites e as possibilidades inerentes ao cinema não só enquanto meio de representação da cidade pós-industrial, mas, sobretudo, enquanto rationale da produção e apropriação do espaço público contemporâneo.

mesas redondas

20.05.2024

9H30 - 19H

Sala de Reuniões 1  
FLUP

exibição fílmica

21.05.2024

18h - 21h

Centro de Cultura  
P. Porto

Oradores:

Bruno Ribeiro Bré  
Eduardo Brito  
Eugénia Vilela  
Filipe Martins

Gisela Faria  
Irandina Afonso  
José Alberto Pinheiro  
Nuno Fonseca  
Nuno Tudela

Pedro Ferreira  
Tiago Carvalho  
Vítor Moura  
Vítor Ribeiro

## PROGRAMA

20.05.2024 | SALA DE REUNIÕES 1 - FLUP

### **9h15 | Receção**

### **9h30 | Sessão de Abertura**

José Meirinhos (Diretor do IF)

Paula Cristina Pereira (IP do PPS, do IF-UP)

### **10h | Mesa I | Moderação – Pedro Ferreira (IF-UP)**

Um percurso pela filosofia do cinema, Vítor Moura (Diretor do CEHUM)

Identidades em 24 fps: liberdade para afetar e para mudar, Irandina Afonso (IF-UP)

O cinema e o espaço (de uso) público, Gisela Faria (IF-UP)

*Arranha-Céus*: Psicopatologia do Quotidiano, Vítor Ribeiro (ILCH-UM)

### **12h | Almoço**

### **14h30 | Mesa II | Moderação – Maria João Couto (IF-UP)**

*Urbicídio*. Os lugares da devastação. Entre arte, história e política, Eugénia Vilela (IF-UP)

Margens, limiares e interstícios: o cinema português à escuta da cidade contemporânea, Nuno Fonseca (IFILNOVA)

O silêncio de W. Benjamin, Pedro Ferreira (IF-UP)

*Frames* de Populismo, Bruno Ribeiro Bré (IF-UP)

### **16h15 | Intervalo**

### **16h30 | Mesa III | Moderação – Paula Cristina Pereira (IP do PPS, IF-UP)**

O horror ao vazio: o habitar e a ruína na cidade, Tiago Carvalho (IF-UP)

Chaplin: O Pobre Herói *ou* o Herói dos Pobres na Moderna Cidade, José Alberto Pinheiro (IF-UP)

À *Valpariso*, as cidades de Joris Ivens, Nuno Tudela (ESMAD)

21.05.2024 | CENTRO DE CULTURA P. PORTO

### **18h | Sessão de Abertura**

### **18h30 | Exibições Fílmicas | Moderação – Olívia da Silva (Presidente da ESMAD)**

O ator social e a cidade: O caso do filme *Casa de Vidro*, Filipe Martins (IF-UP)

Um Regresso a *Penúmbria*: A cidade como ficção da cidade, Eduardo Brito (FBAUP)

## ***Frames de Populismo***

**Bruno Ribeiro Bré**  
(IF-UP)

### **Resumo**

As representações cinematográficas do herói como um *outlaw*, *i.e.* alguém que de algum modo (sobre)vive à margem das leis que visam regular uma mesma comunidade, abarca já em si uma divisão, embora de natureza tendencialmente positiva, semelhante àquela que encontramos no populismo agrário de Thaksin onde o “campo moral” surge em oposição à “cidade imoral”.

Na senda do pensamento de Fantoni, Paoli e Rotondi (2021), consideramos necessário refletir sobre os significados e representações de natureza populista presentes no cinema (designadamente no panorama da *commedia all'italiana*), identificando algumas das características fundamentais que subjazem à distinção entre um “nós” e um “eles”. Deste modo, através da reflexão acerca de determinados significantes populistas presentes no cinema, consideramos possível perspetivar as possíveis implicações negativas que o populismo, enquanto fenómeno político que propende para a hegemonia (Stavrakakis, 2017), pode fazer reverberar nas sociedades democráticas contemporâneas.

### **Biografia**

Bruno Ribeiro Bré é doutorando em Filosofia (Departamento de Filosofia, FLUP), com Bolsa FCT (ref. 2023.04769.BD), com um projeto sobre o fenómeno político do populismo, sob a orientação de Paula Cristina Pereira. Integra, desde 2023, o Research Group Philosophy & Public Space, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Foi membro integrante do painel de avaliação de ciclos de estudo em funcionamento pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES). Em 2022, participou numa mesa-redonda desenvolvida no âmbito do projeto DITE – Diverse Internationalisation of Teacher Education (projeto da Reitoria da UP com a participação da investigadora integrada do PPS, Maria João Couto), que teve lugar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP. Concluiu a Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2017-2020) e o Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário (2020-2022), também na mesma Faculdade.

## Um Regresso a *Penúmbria*: A cidade como ficção da cidade

**Eduardo Brito**  
(FBAUP)

### Resumo

*Penúmbria* foi fundada há duzentos anos num extremo de difícil acesso. De solos áridos, mares revoltados e clima violento, ficou a dever o seu nome à sombra e à nebulosidade quase permanentes. Um dia, os seus habitantes decidem abandoná-la e entregá-la ao tempo. Assim se pode apresentar *Penúmbria*, a curta-metragem que escrevi e realizei em 2016. Este filme é a confluência de inquietações pessoais e colectivas, forma e género, metáforas e ideações: qualquer uma delas ao serviço da ilusão do cinema e da cidade como ficção de si própria. A partir da projecção da curta-metragem, *Um Regresso a Penúmbria* propõe uma reflexão sobre um espaço que é sempre mais do que um lugar geográfico, abrindo caminho a uma especulação sobre futuro, distopia, habitabilidade, pertença e representação.

### Biografia

Eduardo Brito trabalha em cinema, escrita e fotografia. É doutorando em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Fez especialização em guionismo na Escuela Internacional de Cine y TV, em Cuba. Ensina regularmente na FBAUP e na ESAD. Escreveu e realizou a longa-metragem *A Sibila*, a partir da obra de Agustina Bessa-Luís. Realizou as curtas-metragens *Penúmbria*, *Declive*, *Úrsula*, *Lethes* e *La Ermita*. Escreveu argumentos para curtas de Manuel Mozos, Paulo Abreu, Luís Costa e escreveu as longas de Rodrigo Areias, *O Pior Homem de Londres*, *Hálito Azul* e *A Pedra Sonha Dar Flor* (com Pedro Bastos e Rodrigo Areias).

## ***Urbicídio. Os lugares da devastação. Entre arte, história e política.***

**Eugénia Vilela**  
(IF-UP)

### **Resumo**

O filme do realizador Mstyslav Chernov, *20 days in Mariupol*, vencedor do Oscar para melhor documentário em 2024, conta os dias do cerco que o realizador passou com uma equipa de jornalistas ucranianos da Associated Press, em fevereiro de 2022, na cidade sitiada de Mariupol. Sendo os únicos repórteres internacionais presentes, Chernov e a sua equipa filmam, sem distância entre a vida e a morte, a realidade da guerra que dilacera o seu país. Num movimento instável das câmaras e dos corpos, junto dos civis, captam imagens da violência extrema da invasão russa na cidade ucraniana de Mariupol.

Em *20 days in Mariupol*, uma forma expandida de imagem expõe a *mise en abyme* do espaço-tempo dos lugares e dos corpos. Uma linha de pensamento desenha-se, assim, na ressonância entre a superfície das imagens que expõem as ruínas das cidades e as memórias que consistem na sobrevivência das imagens. A noção de *urbicídio* afigurar-se-á como uma *cenografia* histórica e política através da qual se procura pensar, através da imagem cinematográfica, a ressonância entre a arte, a história e a política sob uma arqueologia crítica dos lugares devastados pela guerra.

### **Biografia**

Eugénia Vilela é Professora Associada no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutorada em Filosofia pela Universidade do Porto, e Investigadora Principal (IP|FCT) do Grupo de Investigação *Estética, Política e Conhecimento* do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

Autora de conferências e textos no domínio da Filosofia Contemporânea e das Artes, publicou, entre outros textos em obras coletivas nacionais e internacionais, os livros *Do Corpo Equívoco* (1998), *Silêncios Tangíveis. Corpo, Resistência e Testemunho nos Espaços de Abandono Contemporâneos* (2010), e editou as obras coletivas *Arquipélagos de Sentido. Estética e Artes I* (2011), *Sismografias. Estética e Artes II* (2011), *Cartografias. Estética e Artes III* (2012), *Derivas. Estética e Artes IV* (2012), *Unframing Archives. Essays on Cinema and Visual Arts* (Né Barros, F. Martins (eds.) 2018), *Performances no Contemporâneo* (Né Barros (eds.) 2018), *Borders, Displacement and Creation. Questioning the Contemporary* (2018), *Estética e Artes. Fragmentações* (2019) e *Performances no Contemporâneo II* (Né Barros, (eds) 2023).

Coordenadora das Coleções «Estética, Política e Artes» e «Máquinas de Guerra. Filosofia |Política |Arte», publicadas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto | [Instituto de Filosofia da Universidade do Porto/ FCT).

É membro da Comissão Científica da Rede Internacional TERRA, e membro do Programa Científico «Non-lieux de l'exil» (Paris). O seu trabalho desenvolve-se no espaço de intersecção entre a Filosofia Política Contemporânea, a Estética e as Artes.

## **O ator social e a cidade: O caso do filme *Casa de Vidro***

**Filipe Martins**  
(IF-UP)

### **Resumo**

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre as metodologias de abordagem concetual e narrativa a atores sociais na sua relação com o ambiente urbano onde se inserem, focando-se no exemplo da curta-metragem *Casa de Vidro* (Filipe Martins, 2018), a qual será integralmente exibida e comentada no âmbito da comunicação.

Sinopse do filme: Carlos é um sem-abrigo viciado em crack e heroína. Vive no interior de um expositor de carros abandonado na marginal do Douro, no Porto. É nesta pequena casa de vidro que ele passa a maior parte do tempo. Quando não está aqui, o seu quotidiano divide-se entre o bairro do Aleixo e o parque de estacionamento de um supermercado onde ele pede esmolas para sustentar o vício.

### **Biografia**

Filipe Martins é realizador, investigador no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e professor na Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD/IPP), onde dirige o Mestrado em Cinema e Fotografia. A sua filmografia inclui filmes nos géneros de ficção e documentário, selecionados e premiados em diversos festivais nacionais e internacionais. Codiretor e programador do *Family Film Project – Festival Internacional de Cinema de Arquivo, Memória e Etnografia*, que ocorre anualmente no Porto desde 2012. Doutorado em Ciências da Comunicação (UM) e pós-doutorado em Filosofia (FLUP). Autor e editor de vários livros sobre cinema, narrativa e estética.

## O cinema e o espaço (de uso) público

**Gisela Faria**

(IF-UP)

### Resumo

De acordo com a História do Cinema, a primeira exibição cinematográfica pública e comercial, ocorreu a 28 de dezembro de 1895, no Salão Grand Café, em Paris, por Auguste e Louis Lumière. Daí em diante, foram concebidos diferentes espaços dedicados ao cinema que, ao longo dos tempos, passaram por diversas transformações: das tipologias de Teatro, Cine-Teatro ou Cinema, integrados no tecido urbano, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, até à ocupação dos interiores do *shoppingcenter*, a partir da década de 80. A “porta“ que abria ao espaço urbano inscreve-se agora nos centros de consumo capitalista, suprimindo as dinâmicas antes manifestadas no espaço (de uso) público pela tríade arte cinematográfica – espaço urbano – relações sociais/culturais. A partir do início do século XXI, os programadores de cinema começam a manifestar uma preocupação com as consequências provocadas por este fenómeno, dedicando-se à sua reversão, não só ao procurar devolver as sessões de cinema às tipologias dos espaços urbanos, mas também ao construir outros espaços de projeção/visualização fora das convencionais salas de projeção, fenómeno que, a propósito, sempre acompanhou a História do Cinema.

Nesta comunicação procurar-se-á, a partir da evolução dos espaços de apresentação da sétima arte, refletir sobre as extensões que o Cinema poderá alcançar enquanto “obra de arte” ou “entretenimento” e as possíveis relações que conseguirá estabelecer com as dinâmicas sociais e políticas que daí poderão advir.

### Biografia

Gisela Rebelo de Faria desenvolve a sua prática profissional pela articulação entre a investigação científica, a criação artística e as práticas de arquitetura/urbanismo. Dedicou-se às áreas da Filosofia da Cidade, a partir de conceções Éticas, Políticas e Estéticas e das suas extensões performativas e artísticas. Experimenta, em contexto urbano e através de cruzamentos disciplinares, uma interferência que procura transformar o espaço de uso público em espaço público efetivo. A exploração de práticas transdisciplinares em contexto urbano manifesta-se pela relação da dimensão discursiva da filosofia e a prática da evolução morfológica do território urbano contemporâneo, através de uma ação artística performativa, resultante de processos de curadoria e de desenvolvimento editorial.

É investigadora doutoranda no RG Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É co-fundadora da cooperativa cultural Limina, sediada no Porto, exercendo as funções de direção artística e curadoria. Mestre em Arquitetura pela Escola Superior Artística do Porto com a dissertação/projeto "Preencher o vazio urbano - Casa do Artista" e Mestre em Arte e Design para Espaço Público pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com a dissertação/projeto "Lugar-cidade-tempo: a *performatividade* da experiência estética em contexto urbano".

## Identidades em 24 fps: liberdade para afetar e para mudar

**Irândina Afonso**  
(IF-UP)

### Resumo

Muitas vezes usado como reiteração ou justificação de dado poder, o cinema não se demite, todavia, de uma índole subversiva, emancipadora e transformadora. Pode mobilizar a reflexão, a imaginação e a ação do *que é* para o *que pode ser*. Neste dinamismo vital incluem-se, sob diferentes géneros cinematográficos, questões de impacto social - do classismo aos direitos civis e humanos, da família à economia e ecologia, do sexismo à emigração e à raça. Escolhemos identidades de género, por conectarem politicamente várias esferas do viver. As suas problemáticas presentificam-se no grande ecrã, ora como replicação ou reforço de padrões e estereótipos acerca do *outro*, ora como resistência e luta pela justiça. Nos públicos e na diversidade de sensibilidades que o cinema abarca e inspira, interessa-nos ir além da expressão ou da representação identitária. Seguimos, então, operacionalizações de identidades de género, a partir da sétima arte, como contributos para revitalizar o espaço público e a responsabilidade social. Perspetiva-se o experienciar de uma história enquanto “estar no lugar do outro” (i.e., passar da objetificação do *outro* a um olhar ético sobre a sua alteridade) e enquanto (re)condução do político à dimensão antropológica.

### Biografia

Irândina Afonso é doutoranda do Programa Doutoral em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É bolsista de investigação em doutoramento financiada pela FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref. UI/BD/150998/2021; DOI 10.54499/UI/BD/150998/2021), com um projeto sobre Políticas de Identidade Contemporâneas no RG Philosophy & Public Space do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (UI&D/502). É Assistente Convidada no Departamento de Filosofia da FLUP. Os seus interesses de investigação incluem, além das políticas de identidade, a filosofia da cidade e espaço público, os estudos de género não-binário, a subjetividade contemporânea, e o pensamento social e político. É membro da PaPSIN - Philosophy and Public Space International Network, e membro da Red Internacional de Investigación Filosofía y Ciudad.

# Chaplin: O Pobre Herói *ou* o Herói dos Pobres na Moderna Cidade

**José Alberto Pinheiro**

(IF-UP)

## Resumo

A presente comunicação aborda a abrangência de espaço filosófico presente na obra cinematográfica de Charlie Chaplin. Evidenciando a sua relação umbilical com as mutações da paisagem urbana e o nascimento da moderna cidade, observamos como as suas obras transcendem os limites comumente associados à comédia popular, convocando para a discussão no espaço público questões existenciais e políticas tão prementes ontem como hoje.

Partindo das reflexões de Walter Benjamin, examinamos como Chaplin, num tempo em que o meio tateia ainda as suas próprias possibilidades, maximiza o potencial filosófico da infância da sétima arte. Através da icónica personagem do *Vagabundo* (*The Tramp*), o autor explora as complexidades da condição humana e as injustiças sociais da sua época com rara fecundidade.

Os filmes daquele que foi a primeira estrela planetária do meio em ascensão, não se limitavam a entreter, mas também a provocar uma vincada reflexão sobre temas como desigualdade, desumanização e a busca pela dignidade num mundo em vertiginosa transformação.

Do grito das ruas profundas de *The Kid* (1921), passando por *Modern Times* (1936), onde Chaplin critica a desumanização causada pela industrialização, questionando os valores da sociedade moderna e propondo uma reflexão sobre o significado do trabalho e da liberdade individual, a *The Great Dictator* (1940), onde satiriza regimes totalitários, desafiando o espectador a questionar as estruturas políticas e sociais da sua época, propomos uma sumária viagem que nos permita compreender a singularidade da sua pegada na cultura contemporânea.

## Biografia

Investigador, realizador, argumentista e produtor de cinema e televisão. Doutorado em Filosofia, Especialista em Artes da Imagem e mestre em Comunicação Audiovisual (produção e realização).

É docente da Escola Superior de Media Artes e Design do Politécnico do Porto e desenvolve trabalho de investigação nos campos da imagem em movimento, cultura popular e filosofia.

# Margens, limiares e interstícios: o cinema português à escuta da cidade contemporânea

**Nuno Fonseca**  
(IFILNOVA)

## Resumo

Pelo menos desde o Novo Cinema, nos anos 60, que os filmes portugueses foram para a rua e se encontraram com a cidade. Percorreram uma cidade entre o rural e o urbano (*Verdes Anos*), seguindo por entre novas avenidas e vielas medievais, espreitando à porta dos cafés ou pelas frinchas das janelas entreabertas (Belarmino) e outros interstícios, os vadios, os marginais, os excluídos (*Os Mutantes*, *No Quarto da Vanda*), os que trabalham de noite (*O Fantasma*), os que lutam pela sobrevivência nas periferias (*Arena*, *As Mil e uma Noites*) ou os que esperam nos corredores e noutros espaços liminares (interiores e exteriores) pelo futuro incerto (*Montanha*) de uma realidade urbana, ao mesmo tempo expectante e estilhaçada, mas definitivamente truncada nas suas apregoadas boas intenções democráticas e de justiça social. Também o cinema, de Paulo Rocha a Pedro Costa, passando por Teresa Villaverde, João Pedro Rodrigues, Miguel Gomes e João Salaviza, se fez muitas vezes nas margens e com as margens, partilhando a condição dos seus sujeitos e focos. Nesta apresentação, escolhemos a perspectiva do som, marginal na própria película do celulóide, para escutar com estes cineastas, nestes filmes, as margens, os limiares e interstícios da cidade contemporânea em Portugal.

## Biografia

Nuno Fonseca (n. 1974) é atualmente investigador integrado do Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA) e, dentro do Culturelab, coordena o grupo “Estética e Filosofia da Arte”. Investiga vários tópicos da Estética e Filosofia da Arte (experiência, conceitos e valores estéticos) tanto no contexto das artes, onde se dedica sobretudo às artes sonoras, como no contexto do espaço urbano e do quotidiano.

Lecionou, na NOVA FCSH, a disciplina de “Retórica e Argumentação” (2012–2014), no curso de Ciências da Comunicação, o seminário “Arte e Experiência” (2012–2013), no âmbito do mestrado em Estética, e vários cursos de curta duração sobre a Filosofia dos Sons e das Artes Sonoras (2015–2018), tal como módulos dedicados à Lógica, Epistemologia e Estética. Desde 2021, co-leciona o curso “Urban Aesthetics: Philosophy, Art and the City”, oferecido no currículo internacional da faculdade. Licenciado em Direito (1998) e em Filosofia (2004) pela Universidade de Coimbra, concluiu no ano 2012 o doutoramento em Filosofia (Epistemologia e Filosofia do Conhecimento) na NOVA FCSH, trabalhando sobre questões de representação e de perceção.

Para além de outras publicações nacionais e internacionais, coeditou os volumes *Morphology: Questions on Method and Language* (2013), *Conceptual Figures of Fragmentation and Reconfiguration* (2021), *Planos de Pormenor* (2023), *A cidade nas práticas artísticas* (2023) e está a preparar um livro coletivo *Rethinking the City: Reconfiguration and Fragmentation* que deverá ser publicado na Routledge durante o ano de 2024.

## **À Valparaiso, as cidades de Joris Ivens**

**Nuno Tudela**  
(ESMAD)

### **Resumo**

Desde as primeiras experiências cinematográficas, as cidades sempre foram cenário de inspiração para o cinema, em especial o género documental. O olhar dos autores recai em aspetos da vida do dia a dia, mas sempre tendo as cidades na caracterização e com ressonância no fervilhar do quotidiano. Os movimentos de vanguarda acompanham essa tendência, dando origem a obras que rapidamente se transformam em odes que exploram um olhar poético sobre o mundo.

Joris Ivens (1898-1989), Cineasta do Mundo (em neerlandês *Wereldcineast*), é testemunha de grande parte dos acontecimentos sociais e políticos que ocorrem no século XX.

*À Valparaiso* (1963) leva-nos mais além, devolvendo não só um olhar poético sobre a cidade, mas também fazendo escutar a voz dos que aí habitam. Um cinema sobre os movimentos, mas sempre em movimento.

### **Biografia**

Realizador desde 1988.

Professor Adjunto da Escola Superior de Media Artes e Design do Politécnico do Porto.

Título Especialista em Audiovisual e Produção dos Média (213 CNAEF) e Mestre em Cinema Documental pela ESMAE / P.PORTO e licenciado em Realização de Cinema e bacharel em Som de Cinema pela ESTC / IPL.

## O silêncio de W. Benjamin

**Pedro Ferreira**

(IF-UP)

### Resumo

O trabalho seminal de W. Benjamin (1892-1940) sobre as novas possibilidades políticas despertadas pela experiência coletiva do cinema tem, por vezes, tanto de revolucionário como de obscuro e misterioso. Exemplo disso é a simultaneidade da sua devoção pelo *O Couraçado Potemkin* (1925), de Sergei Eisenstein, e o seu silêncio em relação a *Metropolis* (1927), de Fritz Lang, cujos argumentos e imagens são bastante mais próximos do que seria expectável. Assim, nesta comunicação, procuramos analisar comparativamente ambas as produções cinematográficas e as respetivas críticas de Walter Benjamin, nomeadamente, à luz de *A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica* (1936). Deste modo, apesar de se reconhecer, com Benjamin, que (todo) o cinema opera uma profunda transformação estrutural da consciência, através do efeito de choque e da distração que os filmes proporcionam, conclui-se que o maior potencial emancipatório do filme russo se deve, sobretudo, a uma subtil diferença no seu conteúdo, a qual é indissociável da mobilização crítica das massas desejada pelo autor.

### Biografia

Pedro Ferreira é doutorando no Programa Doutoral em Filosofia da Universidade do Porto desde 2022, e investigador bolseiro (Ref.<sup>a</sup> 2022/55) no GI Filosofia & Espaço Público do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (UI&D/FIL/00502) no âmbito do Projeto Instituto de Filosofia (Ref.<sup>a</sup> UIDP/00502/2020). Anteriormente, licenciou-se em Filosofia pela Universidade do Porto e obteve o grau de mestre em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário pela mesma universidade. Os seus principais interesses de investigação incluem as áreas de Filosofia Social e Política, Filosofia do Cinema e Filosofia da Educação, no âmbito das quais tem organizado diferentes eventos científicos e participado com comunicações e publicações.

# O horror ao vazio: o habitar e a ruína na cidade

**Tiago Carvalho**  
(IF-UP)

## Resumo

Esta apresentação pretende ser uma reflexão acerca do habitar a cidade e das questões suscitadas pela natureza e persistência de espaços marginais urbanos, entre os quais podemos incluir baldios, edifícios devolutos ou sem serventia e que designaremos como ruínas. Pretende-se indagar a natureza da ruína, interrogar como a sua abundância actual nas cidades expõe as fissuras de um modelo de desenvolvimento e permite uma apreciação estética sobre o passado e o futuro da cidade a partir de uma aparência de uma falha ou incompletude. A ruína surge como inscrição negativa que suscita o aparecimento de espectros que pairam sobre o presente, como se anunciasse um tempo radicalmente estranho que está refém de forças. Qual é a relação da ruína com as práticas do habitar e de manutenção da cidade? Como se relacionam essas práticas com as práticas profissionais dos arquitectos e urbanistas? Será a ruína um resultado inevitável da forma actual de fazer a cidade? O que sugerem as reapropriações desses espaços acerca da natureza do lugar e da forma como podem ser habitados? As questões suscitadas prendem-se com conceitos que estão entretecidos com a economia política, a estética, a estrutura da acção colectiva e o estatuto ontológico de objectos.

## Biografia

Tiago Mesquita Carvalho Estudou engenharia do ambiente e filosofia do ambiente e da tecnologia. É investigador no grupo de investigação Filosofia e Espaço Público do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com um projecto sobre catástrofes e a razão moderna, explorando a contingência e a ambiguidade da tecnologia. Integrou também o grupo de performance sonora *gmurda* em ruínas e espaços abandonados em meio rural e urbano no âmbito de um programa de residências com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da DGArtes. Em paralelo à actividade académica, foi recentemente no campo literário vencedor do Prémio Ferreira de Castro de Ficção Narrativa 2022 com o livro *Auto das Águas*.

## Um percurso pela filosofia do cinema

### Vítor Moura

(Diretor do CEHUM)

### Biografia

Vítor Moura (PhD, Madison-Wisconsin, 2006) é autor e editor de vários livros e artigos sobre diversos temas no âmbito da estética e da filosofia da arte. Títulos mais recentes incluem “Show and Tell: The identification of documentary film”, in *Palgrave Handbook of the Philosophy of Film and Motion Pictures* (2019), “Art or intimacy: assessing a disjunction”, in *Aesthetics, Art and Intimacy* (2021), e “What is wrong with trompe l’oeil”, in *2D / 3D Producing Illusion* (2023). É professor no Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, onde ensina Estética, Estética da Arquitectura, Teoria da Imagem e Estética da Música. Nos últimos cinco anos, destaca-se a sua função enquanto diretor do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho e como membro da Comissão Executiva da Sociedade Europeia de Estética. Neste âmbito, é membro das comissões científicas e das comissões organizadoras das várias conferências anuais da Sociedade desde 2019, sendo também coeditor dos livros de atas destas conferências. Nos últimos anos, foi investigador do projecto “Aesthetic experience of the arts and the complexity of perception” (FFI2015-64271-P) e do projecto “The normative aspects of aesthetic appreciation” (PID2019-106351GB-I00), ambos financiados pelo Ministerio de Economia, Industria y Competitividad, de Espanha (2020-2023).

## ***Arranha-Céus: Psicopatologia do Quotidiano***

**Vítor Ribeiro**  
(ILCH-UM)

### **Resumo**

J. G. Ballard referia com insistência a influência no seu trabalho da grandeza estética da arquitetura modernista desenvolvida por Le Corbusier. Num discurso aparentemente provocatório, o escritor fazia recorrentemente o elogio da paisagem de Los Angeles, do seu sofisticado sistema de infraestruturas, desenhado com “grande habilidade e inteligência”, “como uma escultura de grande beleza em movimento”. É uma paisagem, então, onde é possível vislumbrar com pasmo a beleza de “uma espuma metálica brilhante” a flutuar no “topo de um lago”, num ensemble a esboçar uma natureza renovada<sup>1</sup>. Por isso, os seus romances, em especial *Atrocity Exhibition*, *Crash* e *Arranha-Céus* apresentam inúmeras descrições dessas paisagens, de estradas, de túneis, de nós de autoestradas e de torres de apartamentos, num discurso que questiona o contributo desses elementos para uma eventual distopia. Publicado em 1975, *Arranha-Céus (High-Rise)* estabelece-se numa torre de quarenta pisos, exemplar soberbo da paisagem do modernismo e da técnica, uma cidade arrumada em altura, que alberga mais de duas mil pessoas, como uma montanha tecnológica, que ao concentrar apartamentos, ginásios, piscinas e supermercados, servirá como uma arena exemplar da exploração da psique e do comportamento humano em estados limite.

### **Biografia**

Vítor Ribeiro é doutorando no Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) da Universidade do Minho (UM) sob o tema “Paisagens Cinemáticas para as Metáforas de J. G. Ballard”. É programador de Cinema na Casa das Artes de Famalicão, com destaque para o *Close-up – Observatório de Cinema* ([www.closeup.pt](http://www.closeup.pt)), desde Maio de 2016, onde também exerce as funções de apoio à restante programação. Concluiu o Mestrado em “Mediação Cultural e Literária, Área de Especialização em Estudos de Cinema e Literatura” (ILCH/UM, 2011-2013) com uma tese sob a forma de Guião Cinematográfico, “Em Teu Ventre”, que cruzava ao sabor do tempo duas obras de Goethe, “As Afinidades Electivas” e “Werther”. Tem produzido trabalho na área da programação cinematográfica, com destaque para o projecto *Cineclube de Joane* ([www.cineclubejoane.org](http://www.cineclubejoane.org)), entidade financiada pelo Ministério da Cultura desde 2002, do qual é director e programador desde 1998. Tem também concretizado propostas de programação em parceria com outras estruturas. É membro do Júri dos concursos do Instituto do Cinema e do Audiovisual desde 2016. Tem escrito regularmente sobre cinema em várias publicações, das quais destaca o Jornal *Público* e o site *à pala de Walsh*.

---

<sup>1</sup> *Extreme Metaphors* (2012), compilação de entrevistas editada por Simon Sellars e Dan O'Hara.